

Durante os meses do verão passado apresentou em Versailles depois de grandes artistas como Jeff Koons e Takashi Murakami, tornando-se a mais jovem criadora e a primeira mulher a mostrar o seu trabalho neste palácio icónico francês. Pode dizer-se que Joana Vasconcelos é a máxima representante da arte contemporânea portuguesa da última década. Já ganhou vários prémios internacionais, incluindo o prémio *The Winner Takes It All*, atribuído pela Fundação Berardo. Em 2009 a casa de leilões Christie's vendeu uma de suas obras por 192 mil euros. As suas evocativas instalações, coloridas e com pinceladas lusas, viajam ao redor do mundo e fazem parte das mais importantes coleções privadas da Europa.

Há lugares onde as paredes falam... Versailles tem, de facto, um sotaque francês refinado. Como é que se sente nos momentos de solidão e inquietação durante a montagem das peças num lugar tão simbólico e especial como este?

Não existem momentos de solidão e de inquietação durante a montagem de uma exposição como esta; são momentos de trabalho em equipa, em que precisei de me rodear de gente muito profissional. Do mesmo modo, tudo tem que ser feito de forma cirúrgica e com total concentração, pelo que não há espaço para inquietações. O que existe é a responsabilidade de nada poder falhar.

Às vezes, a criação artística parece um 'serviço de 24 horas', é muito difícil não misturar a arte e a vida. No final, qualquer espaço acaba por ser um atelier. Em qualquer sítio pode surgir o Eureka!... Quais são os seus espaços e fontes principais de inspiração?

Eu trabalho com ideias, pelo que não existe uma separação entre a minha vida e o meu trabalho. Além disso, é no dia-a-dia que me inspiro; o meu trabalho parte sempre da observação crítica do que me rodeia, por isso as ideias surgem-me a toda a hora.

Confrontada com a actual perda de materialidade das obras em muitas das propostas de artistas digitais, performers, artistas de som e vídeo-artistas, o seu trabalho tem uma presença, peso e dimensões consideráveis. Tudo indica que têm difícil portabilidade... Qual é o material com que mais se identifica e por quê?

Todos os materiais são importantes no meu trabalho, visto que todos eles servem um propósito específico. Contudo, há alguns que me são mais próximos, nomeadamente os que estão associados a uma certa memória colectiva, como as faianças do Rafael Bordalo Pinheiro, por exemplo.

Quando falamos de obras deste tipo, tão monumentais, minuciosas e trabalhosas, requer a colaboração de uma equipa. O que é a vida diária do seu processo criativo? Quando sucede o passo de carácter mais individual para a criação mais colectiva, é como se fosse um 'maestro de orquestra'?

A concretização do meu trabalho não seria possível sem toda uma equipa que trabalha à minha volta. O meu trabalho parte sempre de uma ideia, sendo que vou depois concretizá-la com a ajuda da minha equipa, que conta com uma equipa de arquitectos, produção, equipas de costura e oficina, gabinetes financeiro e de comunicação. Há um circuito por onde essa ideia passa e ao longo da qual é desenvolvida, sempre seguindo orientações minhas, sendo depois concretizada e comunicada. Nisto tudo, cabe-me gerir este processo e motivar a minha equipa de forma a partilhar a minha visão e os meus objectivos.

Na arte algumas pessoas marcam como superficiais obras coloridas, pop, decorativas... parecem mesmo recusar o carácter intelectual de um projecto de ser belo, feminino ou mais acessível e agradável para um público não especializado. O que poderia dizer sobre isso? Há tabus demais no contexto da arte coeva?

---

Não me preocupo com isso. As pessoas são livres de pensar o que quiserem sobre as coisas.

Há faculdades e escolas de arte que inundam de pessimismo a jovens promissores pelo facto de não viverem em Nova Iorque, Londres ou Berlim... Há muitas limitações como artista se não viver nas principais capitais de arte? A Joana poderia apontar algum artista muito novo que esteja a começar a 'crescer' em Portugal?

A tecnologia e os meios de comunicação têm encurtado significativamente as distâncias e facilitado radicalmente o acesso à informação, pelo que, mais do que nunca, hoje a possibilidade de se construir uma carreira internacional é muito maior, mesmo não se estando centralmente localizado. O que é realmente importante é pensar global, independentemente de se estar numa localização central ou periférica. Sou um exemplo de que é possível trabalhar a partir de Portugal para o mundo.

Que lugar ocupa no seu trabalho a ideia de identidade e glocalização?

As questões de identidade nacional e a sua afirmação no mundo globalizado são dois dos assuntos que informam o meu trabalho. Partindo da observação do quotidiano, é impossível não ser sensível às influências da globalização nas pessoas, nas cidades, nos comportamentos.

E finalmente... O que é que significa para a Joana ter sido escolhida para representar Portugal na 55ª Bienal de Veneza?

É sempre uma experiência muito positiva participar na Bienal de Veneza - fi-lo em 2005, em 2007 e em 2011, no primeiro ano integrada na exposição central e, posteriormente, em programações paralelas - mas fazê-lo em representação do meu país é realmente uma honra, ou não fosse esta Bienal o evento expositivo mais importante do mundo dedicado à arte contemporânea. O meu projecto estará assente na história comum entre Portugal e Veneza.